

TRABALHO E ALIENAÇÃO: A CATEGORIA DOCENTE E A PERDA DO SENTIDO DO TRABALHO

Jafé da Silva Cardoso¹

Universidade Estadual do sudoeste da Bahia- UESB
Vitória da Conquista – Bahia – Brasil
jscardoso2010@bol.com.br

João Nascimento de Souza²

Universidade Estadual do sudoeste da Bahia- UESB
Vitória da Conquista – Bahia – Brasil
souzajoanascimento@hotmail.com

Arlete Ramos dos Santos³

Universidade Estadual de Santa cruz- UESC
Ilhéus – Bahia – Brasil
arlerp@hotmail.com

RESUMO: Para compreender a realidade do trabalho docente na atualidade é indispensável que se compreenda, preliminarmente, o contexto da sociedade capitalista e todos os processos de reestruturação e ressignificação da lógica sociometabólica do capitalismo. A escola, assim como toda sociedade, está diretamente atrelada à lógica do capital, especialmente por servir ao longo dos anos como mantenedora e propagadora de suas ideologias. Partindo dessa pressuposição este artigo analisa o trabalho docente na conjuntura da sociedade capitalista. Em consonância com esta discussão apresenta-se o conceito de trabalho alienado com vistas em relacionar este conceito com as vicissitudes do trabalho docente. Para tanto, utiliza-se como arcabouço teórico os estudos de Marx e Engels (1980); Marx (2008); Garcia (1988); Antunes (2008); Lemos (2007) dentre outros. Como referencial metodológico este artigo se traduz numa pesquisa bibliográfica. A emancipação docente é o caminho para a reversão de tal situação, pois, percebe-se que ao longo de todo processo a autonomia foi sobrepujada pelo desejo capitalista de subordinação e hierarquização das funções docentes com vistas a atender aos desígnios de quem domina. A retomada de sua autonomia profissional levará, instintivamente, o docente a enxergar sua profissão não mais como uma obrigação a ser exercida de forma imposta e desprovida de realização e liberdade criativa, mas, pelo contrário, possibilitará a

¹Mestrando em Educação pela (PPGED/UESB); Especialista em Gestão do trabalho Pedagógico – ênfase em: gestão, coordenação e supervisão escolar – FVC; Coordenador Pedagógico da Educação do Campo na Rede Municipal de Medeiros Neto; Integrante GEPEDDEC-UESB . Email: jafecardoso2013@gmail.com

²Mestrando em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Especialista em Antropologia – ênfase em: Cultura afro-brasileira – UESB; Professor de História nas Redes Municipal e Estadual de Itagibá; membro Grupo de Estudos Movimentos Sociais, Diversidade e Educação do Campo (GEPEDDEC/CNPq).

³Doutora em Educação, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Professora Adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC); docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UESC e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UESB; líder do Grupo de Estudos Movimentos Sociais, Diversidade e Educação do Campo (GEPEDDEC/CNPq).

desalienação do indivíduo, que não mais se verá como mera marionete, mas, como sujeito ativo e com dignidade.

PALAVRA-CHAVE: Alienação; Trabalho docente; Trabalho docente alienado.

Introdução

Tratar da alienação no âmbito do trabalho impulsiona o pesquisador a debruçar-se sobre os estudos de Marx (1974), que, de forma geral, representa o maior nome no que concerne a tal questão. No afã de suas discussões, o autor mostra que na medida em que o homem produz trabalho, o trabalho produz o homem, ou seja, ao transformar a natureza, o homem se autotransforma. Porém, com base no processo evolutivo da sociedade e das consecutivas transformações acarretadas no campo do trabalho, esse processo de troca, que, antes, era recíproco, deu lugar à visão capitalista, onde produzir/consumir/lucrar se sobrepuseram à visão primeira de tal concepção, fato que, de forma geral, contribuiu para que o homem passasse a enxergar o trabalho não mais como parte importante de sua humanização, mas, apenas como subsídio para sua sobrevivência.

Na atualidade, o lucro impulsiona as empresas a produzirem em larga escala, a investirem cada vez mais em mão de obra e a exigirem de seus trabalhadores mais agilidade e presteza. Essa nova postura e, por conseguinte, concepção, impulsionou a homogeneização dos sujeitos, que, diante de tal realidade e no afã de atender às exigências, se veem impulsionados a produzirem cada vez mais, de forma rápida, em quantidades cada vez maiores, perdendo, assim, sua individualidade, sua autonomia. Dessa forma, o trabalhador toma para si as responsabilidades que extrapolam suas funções, vendo-se, inconscientemente, obrigados a se sujeitarem a sobrecargas de trabalho exaustivas, a condições precárias, a remuneração insuficiente, enfim, a se calarem diante de sua própria exploração com vistas em não perder sua forma de subsistência: aliena-se diante de tal realidade, pois não se reconhece como parte importante do processo, não tem domínio sobre suas ações, porque o trabalho, de acordo Marx e Engels (1980, p. 30), torna-se para esse indivíduo:

Uma força estranha, situada fora deles, que não sabem de onde ela vem nem para onde vai, que, portanto, não podem mais dominar e que, inversamente, percorre agora uma série particular de fases e de estágios de

desenvolvimento, tão independente da vontade e da marcha da humanidade, que, na verdade, é ela que dirige essa vontade e essa marcha da humanidade.

No âmbito da educação, nota-se que a realidade do trabalho docente, hoje, tem demonstrado que, apesar das conquistas e dos avanços alcançados no campo educacional, muito se regrediu no que diz respeito às condições de trabalho desses profissionais. Há, pois, um retrocesso visível, especialmente no que concerne à compreensão do que seja a função deste profissional. A razão de ser de tal realidade firma-se no paradoxo existente entre aquela concepção de trabalho pautada na visão capitalista e, portanto, fabril e braçal, e o trabalho docente, uma vez que, esse último, apesar da tentativa de apropriação das concepções do outro, muito se distancia, pois, sua função primordial é a humanização dos sujeitos.

Ante a essa realidade, o professor, ao não se sentir parte do trabalho, não perceber o trabalho como fruto de sua ação na natureza e fruto de transformação, torna-se alienado, não percebendo a exploração, tornando-se subjugado pelos desígnios do Capitalismo. Sobre esse processo Enguita (1991, p. 41) discorre

[...] que a perda de autonomia do trabalho do docente se concretiza pela perda de decisão sobre o resultado da sua atividade, pois as regulamentações, normas, disciplinas, e procedimentos pedagógicos são determinações que não contam com a participação do docente. Dessa forma, [...] Os docentes encontram - se submetidos a processos cuja tendência é a mesma que para a maioria dos trabalhadores assalariados: proletarização. [...] A autonomia dos trabalhadores está comprometida, em decorrência de uma história de subordinação por meio de alterações estruturais, a citar a desvalorização profissional, a fragmentação e a hierarquização da produção, a burocratização etc.)

Frente essas pressuposições, este artigo torna-se importante, uma vez que contribui para que a categoria docente compreenda que na conjuntura capitalista paulatinamente o professor se aliena ao perder o sentido de seu trabalho, isto é, quando sua autonomia é sobrepujada pelo processo de estranhamento que o impele para a exaustão, para a perda de sua identidade profissional.

Ante às premissas destacadas, o presente artigo revisitou a literatura vigente referente à concepção de trabalho, trabalho docente e alienação valendo-se dos estudos de alguns teóricos, quais sejam, Marx e Engels (1980); Marx (2008); Garcia (1988); Antunes (2008); Lemos (2007). Desta forma, tem como referencial metodológico a pesquisa bibliográfica, por representar uma produção teórica a partir das obras supracitadas. Desta forma, num primeiro

momento discute-se a etimologia do termo alienação coadunando com as reflexões marxistas sobre a temática. Em seguida, busca-se analisar o processo de intensificação do trabalho em toda conjuntura capitalista e o surgimento da alienação em decorrência da perda da razão social do trabalho e da identidade do trabalhador, posteriormente volta-se para a análise das mudanças ocorridas no âmbito do trabalho docente, especialmente no que condiz com a perda de autonomia do profissional e o processo de alienação do mesmo por não se sentir mais parte de seu trabalho.

Trabalho e alienação: da etimologia do termo à concepção marxista

Antes de adentrarmos as discussões a despeito da alienação é importante compreendermos a origem da palavra. Neste aspecto, Lemos (2007, p.21) remonta à origem latina do termo *alienatio*, que dialoga com os atos de remover, retirar, uma ramificação do verbo *alienare*, que, por sua vez, deriva de *alienus*, que quer dizer pertencer a outro. Saindo da raiz latina a autora (LEMOS, 2007, p.21) apresenta ainda a variante em inglês *alienation*, que denota como significado a vertente comercial que significa vender ou transferir uma propriedade para outrem.

Mais adiante a autora apresenta a concepção de alienação atrelada a outros campos científicos como a psiquiatria, psicanálise, onde o termo é compreendido como distúrbio mental, perda da realidade, neurose e psicose. Enfim, Lemos (2007) antes de adentrar o campo da filosofia perpassa pela gênese de criação e disseminação do termo com vistas em compreender a utilização dele em diferentes contextos e campos científicos.

Entretanto, interessa nesse estudo a concepção marxista de alienação, haja vista que os estudos do capitalismo são o alicerce maior das discussões aqui propostas. Nesse sentido, valendo-se das concepções de Mézaros (1981) a autora destaca que para Marx a alienação se apresenta sob 4 aspectos distintos “1) o homem alienado da natureza, 2) o homem alienado de si mesmo (de sua própria atividade, 3) de seu ser genérico (membro da espécie humana), 4) o homem alienado do homem (dos outros homens)” (LEMOS 2007, p. 31).

Quanto ao primeiro aspecto temos a relação do homem com a natureza, ou seja, com o produto de seu trabalho. É a alienação da coisa, o trabalhador é estranho ao produto, ele não se reconhece mais no processo criativo, não se sente como produtor (LEMOS 2007).

Há uma transferência da força de trabalho para o objeto criado pelo trabalhador – “aquilo que é encarnado no produto do seu trabalho deixa de ser seu” torna-se estranho. Segundo Marx (1983), é nesse sentido que o trabalho não pertence a seu ser, é externo; o trabalhador não se afirma, se nega, não se sente feliz, não desenvolve sua energia física e espiritual, mortifica seu corpo e arruína seu espírito. Por isso só se sente em si fora do trabalho, e no trabalho fora de si; seu trabalho não é assim, voluntário, é forçado. (LEMOS, 2007, p. 31).

O segundo aspecto diz respeito ao ato de produção, é a relação direta do trabalhador com sua atividade laboral. O trabalho, que é em sua gênese sinônimo de satisfação e sobrevivência, torna-se mera obrigação e é também chamado de autoalienação, pois,

Há uma relação de sofrimento, sacrifício, o trabalho vira um meio e não uma atividade vital, deixa de ser a necessidade essencial humana. Há um processo de constante apropriação do trabalho por outro, o trabalho já não pertence ao trabalhador, é isso que leva ao estranhamento, à alienação - “a perda de si mesmo”. A tarefa executada pelo trabalhador não lhe faculta a satisfação intrínseca que lhe permitiria desenvolver plenamente as suas energias mentais e físicas, uma vez que o trabalho é imposto pela força das circunstâncias externas. (LEMOS, 2007, p. 31-32).

Em relação ao terceiro aspecto da alienação, tem-se a alienação em relação à existência do sujeito, onde o homem não se reconhece no próprio homem, no coletivo, só se enxerga no plano individual (LEMOS 2007). Nesse aspecto da alienação há a perda da humanidade, quando o homem se torna máquina repetidora

O homem não se reconhece no próprio homem, só se vê no plano individual. A vida só aparece como meio de vida. Há uma alienação da sociabilidade, os homens se alienam entre si, assim como estão alienados de seu ser humano. O trabalho alienado faz do ser genérico do homem, tanto da natureza como de suas faculdades espirituais genéricas, um ser alheio para ele. Torna estranho ao homem seu próprio corpo, a natureza fora dele, sua essência espiritual, sua essência humana. (LEMOS, 2007, p. 32).

No quarto e último aspecto temos a alienação do homem aos demais indivíduos, onde ocorre a exploração do homem pelo homem. Nesse ponto temos o ápice do capitalismo, haja vista que representa a alienação diante de seu semelhante.

O que vale para a relação do homem com o seu trabalho, com o produto do seu trabalho e consigo mesmo, vale para a relação do homem com o outro homem, bem como com o trabalho e o objeto do trabalho do outro homem. Toda relação do homem consigo mesmo encontra sua expressão na relação do homem com o outro. A proposição de que o homem está alienado do seu ser genérico significa que um homem está alienado do outro, tal como cada um deles da essência humana. (LEMOS, 2007, p. 33).

Analisando todo o contexto da alienação apresentada por Marx, podemos dizer que para o referido autor a alienação representa as manifestações de estranhamento, afastamento do homem em relação à natureza, que é a essência de seu trabalho e também em relação a si mesmo. Diante desta constatação, é pertinente destacar, com base no pensamento de Marx (2008, p. 160), que:

A alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto, assume uma existência externa, mas que existe, independentemente, fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição com ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica .

O trabalho se torna seu algoz, desumanizando e oprimindo ao mesmo tempo, por isso, a subalternidade ganha espaço, levando o indivíduo a se calar diante de mazelas diversas, como se fosse obrigado a atender aos interesses de outrem para que tenha espaço para desempenhar suas funções.

Lemos (2007) destaca em suas discussões a crise que paulatinamente foi se instaurando em nossa realidade social, crise que além de implodir as relações sociais do trabalho, corrobora para a destruição do sujeito, posto que, como bem destaca:

[...] potencializam-se os sentimentos de desinstrumentação e privação, constituindo um severo ataque ao “eu”, pois não é possível vislumbrar um destino, não há uma proposta social de credibilidade que permita desenhar o futuro. Ao se quebrar a cotidianidade prévia, essa não pode ser assumida como projeto, mas como fragmentação ameaçadora. Ao atacar a identidade e a auto-estima do sujeito, a crise econômica e produtiva fere o indivíduo em sua característica central: a de produtor; impedindo o movimento da busca de satisfação de suas necessidades e colocando em questão uma forma fundamental de articulação com o mundo, com o outro. Lemos (2007, p. 38),

Há claramente a perda da identidade, da subjetividade do sujeito, que diante dessa inconstância em relação ao trabalho, aos direitos que lhe são inerentes, se vê dividido entre o interior e o exterior, fortalecendo, desta maneira, a alienação, uma vez que há uma descontinuidade de tudo aquilo que o sujeito acredita. A autora pontua, ainda, que toda essa realidade ocorre devido ao fato do trabalho ganhar novas roupagens frente ao desejo expansionista do capitalismo e, por conseguinte, impelir o trabalhador a atender a essas novas

demandas, quais sejam, produção em larga escala, responsabilidades empresariais, competitividade dentre inúmeras outras.

Nas organizações se observa esse processo quando se exige que o trabalhador assuma responsabilidades empresariais, como a retenção do cliente e a competitividade no mercado. Como também a expectativa de que cada trabalhador se converta em agente controlador de seus companheiros. Assumir esse papel é expressão da fragmentação subjetiva e social assim como de uma autopercepção alienada. A razão disso está relacionada a uma ordem social onde se incrementam as condições objetivas para a carência; instala-se a ameaça de exclusão; e o incentivo à competição e rivalidade deteriora a trama das relações, os laços humanos. Se o sujeito é negado ou desqualificado na sua função essencial de produtor, tende a gerar um impacto na subjetividade em termos de depressão, perda da autoestima, coisificação de si e do outro. Cresce o isolamento, o encerrar-se na própria pele, nos próprios pensamentos. A construção de redes vinculares, laços solidários operam como sustentação do ser e da identidade. (2007, p. 39-40),

O trabalhador perde sua autonomia produtiva, ao passo que se vê dividido entre viver/produzir/relacionar, transformando-se num mero repetidor para atender às demandas do mercado. Neste ponto, verifica-se a ruptura existente. Se nos primórdios temos o trabalho como meio humanizador dos sujeitos, hoje, dada a ascensão do Capitalismo e a concomitante alienação do sujeito, tem-se o trabalho como processo desumanizador, capaz de usurpar do homem sua humanidade, transformando-o em mercadoria. Marx (2008, p. 148), a esse respeito, nos mostra que, diante desse processo,

O trabalhador se torna tão mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não só produz só mercadorias; produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria.

O que se nota em todo este contexto é que a alienação do trabalhador é fruto da atual conjuntura capitalista da sociedade, que insiste em perpetuar o trabalhador como sendo apenas um meio e/ou instrumento para se chegar a um fim – o lucro imediato. Em suma, a alienação pode ser compreendida como um processo de inversão. No campo do trabalho, isso se concretiza como a inversão do que seria sujeito e objeto. Numa análise concisa, fica claro que nesse processo exacerbado de consumo, a mercadoria se torna sujeito, priorizado, acima de

tudo, pois se transforma em lucro, ao passo que o trabalhador se torna um mero objeto, com menos valia que a mercadoria que é fruto de seu trabalho. Em diálogo com o que aqui se discute, Garcia (1988, p.54) explica que:

Essas relações de produção levam à alienação do processo de trabalho. O próprio trabalho transforma-se numa mercadoria, gerando o que Marx denomina de fetiche da mercadoria, onde as coisas parecem adquirir uma alma própria, dando-se a personificação das coisas e a materialização das pessoas.

Observa-se que o trabalhador se torna, paulatinamente, submisso, como se o trabalho impedisse seu crescimento, forçando-o a voltar a seu estado animalesco. Isso se dá, de acordo com Marx (2008), porque o trabalho que deveria ser a atividade humana voltada para a criatividade, para a satisfação, se tornou algo imposto, forçado e que não mais supre o ciclo de transformar e ser transformado – outrora fator primordial na relação homem/natureza – dando espaço apenas para a reprodução e atendimento da demanda.

O trabalho alienado impede o indivíduo de se sentir pleno, realizado, impelido a reproduzir tal qual uma máquina aquilo que deveria ser feito com liberdade criativa e vontade. Essa realidade passiva na qual o trabalhador vive atualmente o obriga a rejeitar o trabalho, a se sentir cada vez mais frustrado e infeliz. Não há espaço para a realização pessoal, a satisfação enquanto ser pensante; o trabalho se torna um peso e uma obrigação. Marx (2008, p. 162) mostra que diante dessa total alienação vivenciada o trabalhador percebe que:

[...] o seu trabalho não é voluntário, mas, imposto, é trabalho forçado. Não constitui a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio de satisfazer outras necessidades. O seu caráter estranho ressalta claramente do fato de se fugir do trabalho como da peste, logo que não exista nenhuma compulsão física ou de qualquer outro tipo. O trabalho externo, o trabalho em que o homem se aliena, é um trabalho de sacrifício de si mesmo, de mortificação. Finalmente, a exterioridade do trabalho para o trabalhador transparece no fato de que ele não é o seu trabalho, mas o de outro, no fato de que não lhe pertence, de que no trabalho ele não pertence a si mesmo, mas a outro. [...] Pertence a outro e é a perda de si mesmo.

Essa perda de si mesmo perpassa hoje por todos os setores trabalhistas e se propaga de forma cada vez mais avassaladora. Neste ponto a autora nos leva a discutir a alienação do trabalho nos dias atuais com mais afinco. Neste aspecto, as concepções de Antunes (2008)

são elencadas com vistas em destacar a realidade vivenciada pelos trabalhadores nas fábricas na atualidade.

Há neste sentido, um paralelo direto em relação à visão fabril do século XIX tão bem discutida por Marx em seus estudos e a atual apresentada por Antunes. O resultado desse paralelo deixa claro que, apesar do avanço dos séculos, a melhoria das condições de trabalho, os aspectos subjetivos em nada mudaram, haja vista que o trabalhador se vê cada vez mais distante de seu fazer criativo, não se sente mais parte do processo de produção, pois, para atender à expansão do capital o sujeito se vê compelido a pensar, agir com base nas percepções de seu empregador.

Trabalho Docente e Alienação: a perda do sentido do trabalho

Diante das idéias até aqui desenvolvidas e com base na visão de alienação apresentada por Marx (1974), é importante evidenciar nessa discussão o trabalho docente, atentando-se para as mudanças progressivas que também ocorreram em seu bojo ao longo dessa evolução da sociedade, fato que o impeliu a assimilar a roupagem capitalista, acarretando mudanças significativas em toda sua estrutura. Se no campo do trabalho braçal, fabril o trabalhador se vê desmotivado, forçado a reproduzir mecanicamente suas atividades, vendo-se como refém de seu próprio trabalho, no campo do intelecto, voltado para o trabalho docente, é perceptível que os aspectos da alienação destacados nas ideias de Marx também se encontram presentes.

É pertinente observar diante da discussão apontada que a função da escola, que antes era a formação do indivíduo e seu desenvolvimento, passou a ser outra, bem distinta, assumindo o papel de formadora de trabalhadores para atender à demanda de um mercado sedento por profissionais. Noutras palavras, se a função da escola tomou uma nova direção, concomitantemente, a função dos docentes também seguiu essa nova vertente, assumindo a responsabilidade de formar trabalhadores e não mediar conhecimento. Ao assumir essa nova função, Francelino (2003, p. 136), evidencia que “[...] o professor se vê submetido às mesmas condições dos trabalhadores fabris, pois a escola adquire a nova função de formar trabalhadores. O aluno passa a ser visto como produto e a escola como uma instituição produtora da força de trabalho”.

Essa realidade, tão presente e ao mesmo tempo melindrada por todos, atualmente, se dá em decorrência das transformações geradas pelo processo de massificação do ensino. A partir do momento que o acesso à educação foi concebido às camadas mais populares da sociedade com o objetivo imediato de profissionalização dos sujeitos, o campo educacional amalgama-se aos aspectos do proletariado, levando o docente a perder sua autonomia diante do processo formador no qual é responsável, se vendo obrigado a seguir programas, métodos pré-estabelecidos e o total desprestígio de sua liberdade. Sobre o assunto, Enguita (1989, p. 176) esclarece que:

[...] o magistério vem adquirindo, de forma crescente, aspectos estruturais similares aos do proletariado, isto é, vem se proletarizando. Isto significa que vem deixando de ter características próprias das profissões, tais como autonomia e controle sobre os meios, objeto e o processo do seu trabalho, para adquirir traços da situação estrutural próprios do trabalho assalariado proletário.

No ponto de vista de Esteves (1999), com as transformações ocorridas, o professor, um dos principais atores desse cenário, acompanha perplexo esse novo contexto e as novas exigências e responsabilidades, desafiado a assumir um papel diferente do até então exercido. Ao assumir essas novas funções, acabou por ser vítima da sobrecarga de trabalho, do estresse, da falta de valorização profissional e financeira, surgindo daí as inúmeras doenças, síndromes, que assolam os profissionais docentes no cotidiano de suas profissões.

Dialogando com esta problemática, Carvalho *et al* (2006) assevera que ensinar é uma atividade, em geral, altamente estressante, com repercussões evidentes na saúde física e mental e no desempenho profissional dos professores. Isso se dá pelo grau de envolvimento e comprometimento do docente diante do ato de ensinar, que é, por excelência, um ato de troca e de contato. À medida que, quando os objetivos não são alcançados, o resultado torna-se desastroso para o professor, que, engajado com sua profissão, frustra-se diante da não obtenção de êxito, da falta de reconhecimento, valorização. Essa frustração, por sua vez, corrobora para o processo de alienação docente.

Com base na pressuposição supracitada, nota-se que a alienação dos professores se concretiza dentro do próprio ambiente de trabalho, no cotidiano do labor docente, como bem nos mostra Demo (2006, p. 17), quando expõe que mesmo diante dos “[...] baixos salários, jornadas esticadas (dar aula todo o dia), falta de carreira, contratação de substitutos para depreciar ainda mais as remunerações, condições precárias de trabalho”, se silenciam. No

ínterim deste debate, cabe destacar que o processo alienante docente se concretiza pela aceitação diante da precarização do trabalho, que se perpetua com base no silêncio, pelo medo da demissão, de represálias etc.

Essa realidade destacada acima se torna fidedigna ao se perceber que a lógica capitalista está imbuída dentro da escola muito mais do que se supõe, uma vez que de todas as formas a situação atual docente deixa transparecer os resquícios da maquinação, da repetição exacerbada, do atender apenas à demanda, sem se importar com as reais funções de todos os envolvidos na escola e dos professores.

Devido ao Capitalismo, a escola se tornou aquilo que a classe dominante desejou que se tornasse. Nas palavras de Medina (2002, p.19), “a escola é, em grande escala, aquilo que as forças dominantes da sociedade desejam que ela seja. Ela muda e se renova constantemente à medida que as contradições sociais obrigam o rearranjo da postura ou do discurso ideológico da classe dominante”. Neste ponto, é pertinente destacar também os pensamentos de Marx e Engels (1980, p.46) que acrescentam que [...] para oprimir uma classe é preciso ao menos garantir-lhe as condições mínimas que lhe permitam ir arrastando a existência servil.

Em suma, assumir as novas funções que o contexto educacional atual assimilou da forma capitalista de ser e sentir, contribuiu significativamente, para o processo de inércia docente, na qual, o prazer pelo trabalho e pela produção criativa deu vazão à mecanização do trabalhador docente, que, em vistas da urgência em atender demandas, programas e metas, perdeu a vontade e o prazer pelo ato de ensinar, alienando-se diante das mazelas, usando suas forças apenas em prol da manutenção de sua sobrevivência. Essa realidade vai contra as concepções de Vasconcellos (2003, p.12), que em relação ao trabalho docente reforça que:

Na raiz da ação humana, inclusive na educacional, há uma “vontade de poder”, um desejo de imprimir força, de criar, de ser co-autor da criação, que pode se materializar pelo trabalho, ou seja, por sua relação com os outros homens e com as coisas. Este primeiro aspecto metodológico busca justamente resgatar estas motivações mais profundas, relacionando o trabalho com toda a vida.

O que se nota é o contrário do pensamento de Vasconcellos (2003). Há um processo avançado de estranhamento, afastamento do professor em relação às premissas de sua profissão, ou seja, o trabalho docente está cada vez mais arraigado nos aspectos alienantes cujos resultados são mais explícitos a cada dia: o professor se sente frustrado com sua

profissão, refém do trabalho que deveria ser para ele motivo de orgulho e realização. Destaca-se aqui, as concepções de Antunes (2008, p. 126), que, em relação a esse processo de alienação docente frente ao trabalho, acrescenta que:

[...] Ao invés do trabalho como atividade vital, momento de identidade entre o indivíduo e o ser genérico, tem-se na sociedade regida pelo capital uma forma de objetivação do trabalho, onde as relações sociais estabelecidas entre os produtores assumem [...] a forma de relação entre os produtos do trabalho. A relação social estabelecida entre os homens adquire a forma de uma relação entre coisas.

Essa perda de si mesmo perpassa hoje por todos os setores trabalhistas e se propaga de forma cada vez mais avassaladora. Assim, diante de tais problemáticas, torna-se urgente a desalienação dos sujeitos, com vistas em superar a real situação vivenciada, para tanto, torna-se pertinente a valorização da autonomia do sujeito onde consumo e alienação não se sobreponham à manutenção da existência.

Considerações finais

O texto aqui apresentado traz considerações importantes a despeito do processo de alienação do trabalhador, especialmente do trabalhador docente que de forma avassaladora tem visto a essência de seu trabalho ser sobrepujada pelo sociometabolismo do capital transformando-o no novo proletário na conjuntura atual da sociedade capitalista.

Nota-se que numa análise das concepções marxistas acerca da alienação do trabalhador, apesar do referido autor não tratar especificamente da categoria docente suas concepções atravessaram os séculos e hoje dialogam claramente com a realidade vivenciada pelos docentes no cotidiano da profissão.

As discussões aqui pontuadas deixam claro que o professor, no centro da contradição capitalista, representa o novo proletário e se encontra cada vez mais acuado e afastado da essência de seu trabalho, isto é, encontrasse alienado e, por esse motivo não se reconhece mais como ser genérico (MARX, 2008), não se sente mais responsável pelo processo criativo de sua profissão, como resultado direto tem-se um sujeito que enxerga seu trabalho como um fardo. Dialogando com essa discussão Nunes *et al* (2017) pontuam ainda que diante da subalternidade à lógica do capital a escola tem abarcado para si determinações que tem ampliado as funções docentes para além da sala de aula, fato que de maneira direta tem interferido na profissão docente.

Diante desta prerrogativa, observa-se a relevância desse artigo para o entendimento da real situação da educação e, dos educadores, que paulatinamente estão sucumbidos aos desígnios do capitalismo. Desta forma, observa-se que esta realidade tem transformado o professor num proletário, escravo sem autonomia e refém da autorregulação do capital, ou seja, as pressões causadas pelo capitalismo inviabilizam que o professor desempenhe seu trabalho com qualidade, posto que os subsídios necessários não são fornecidos, com isso estão deixando de lado os ofícios da profissão pela frustração diante das precárias condições de trabalho no qual são expostos cotidianamente.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo LC. Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. In: **Adeus ao trabalho?:** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Cortez, 2008.

CARVALHO, FERNANDO MARTINS; BARBALHO, LEONARDO. Docência e exaustão emocional. **Educ. Soc.**, v. 27, n. 94, p. 229-253, 2006.

DEMO, Pedro. **Aposta no professor: cuidar de viver e de trabalhar com dignidade.** Mediação, 2006.

ENGUITA, Mariano F. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: A sala de aula e a saúde dos professores.** São Paulo: Edusc, 1999.

FRANCELINO, S.M.R.L. As transformações do mundo do trabalho e a atividade docente. Em: Leão, I.B. **Educação e psicologia: reflexões a partir da teoria sócio-histórica** (pp. 121-144). 2003. Campo Grande: Editora UFMS.

GARCIA, Liliana Bueno dos Reis. A ideologia e o poder disciplinar como formas de dominação. **Trans/Form/Ação**, p. 53-59, 1988.

LE MOS, Denise Vieira da Silva. **Alienação no trabalho docente? O professor no centro da contradição.** Tese (Doutorado em Educação) – Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Bahia. Faculdade de Ciências Sociais. Salvador, 2007.

MARX, Karl. Introdução à Crítica da Economia Política (Grundrisse). **K. Marx Manuscritos Econômico-filosóficos e outros Textos Escolhidos.** São Paulo, Abril Cultural (Coleção Os Pensadores, vol. XXXV). 1974.

MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos; tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri, 2º reimpressão. **São Paulo: Boitempo Editorial**, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; MOURA, José Barata. **Obras escolhidas.** 1980.

MEDINA, João Paulo Subirá. **O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo.** Papius Editora, 2002.

NUNES, Claudio Pinto; RAMOS, Rosenaide P. dos Reis; SANTOS, Arlete Ramos dos. O trabalho docente e a educação do campo no município de Ilhéus-BA. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA REDESTRADO: MOVIMENTOS PEDAGÓGICOS E

TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS DE PADRONIZAÇÃO, 11, 2017. Disponível em:
http://redeestrado.org/xi_seminario/pdfs/eixo7/197.pdf. Acesso em 15 de outubro de 2018.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Para Onde vai o Professor?** Resgate do Professor como Sujeito de Transformação; São Paulo: Libertad, 2003.